



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS  
CAMPUS VI – POETA PINTO DO MONTEIRO  
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS - HABILITAÇÃO EM LÍNGUA  
PORTUGUESA

**ÉRIKA TAÍSE DO MONTE**

**POESIA, EDUCAÇÃO E CULTURA NORDESTINA: a literatura  
popular na obra de Zé Adalberto**

MONTEIRO – PB  
2019

**ÉRIKA TAÍSE DO MONTE**

**POESIA, EDUCAÇÃO E CULTURA NORDESTINA: a literatura  
popular na obra de Zé Adalberto**

Monografia apresentada ao Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Exatas (CCHE) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa.

Orientador: Prof. Me. Adeilson da Silva Tavares.

MONTEIRO – PB  
2019

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

M772p Monte, Erika Taise do.  
Poesia, educação e cultura nordestina [manuscrito] : a literatura popular na obra de Zé Adalberto / Erika Taise do Monte. - 2019.  
40 p.  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Humanas e Exatas , 2019.  
"Orientação : Prof. Me. Adeilson da Silva Tavares , Coordenação do Curso de Letras - CCHE."  
1. Cultura nordestina. 2. Poesia popular. 3. Literatura popular. I. Título  
21. ed. CDD B869.1

**ÉRIKA TAÍSE DO MONTE**

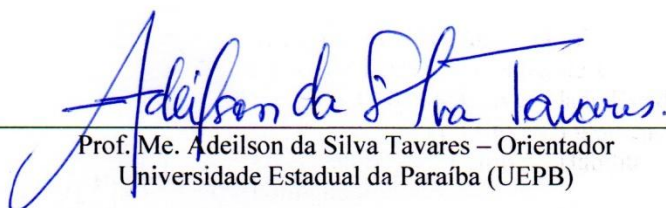
**POESIA, EDUCAÇÃO E CULTURA NORDESTINA: a literatura popular na obra de Zé Adalberto**

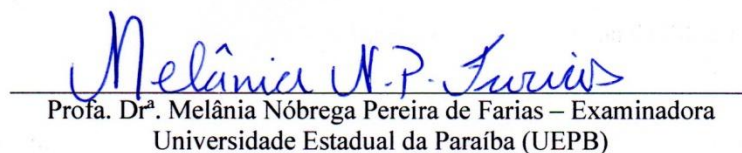
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Letras do Centro de Ciências Humanas e Exatas (CCHE) da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB), como requisito para a obtenção do título de Licenciatura em Letras - Habilitação em Língua Portuguesa.

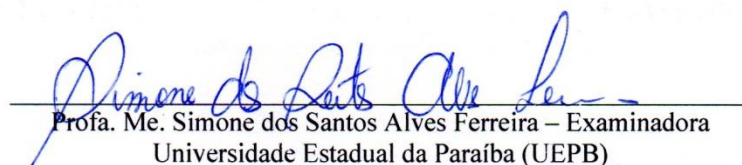
Orientador: Prof. Me. Adeilson da Silva Tavares.

Aprovado em: 17 / 06 / 2019

Comissão Examinadora:

  
Prof. Me. Adeilson da Silva Tavares – Orientador  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof.ª Dr.ª Melânia Nóbrega Pereira de Farias – Examinadora  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

  
Prof.ª Me. Simone dos Santos Alves Ferreira – Examinadora  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

À minha família,  
DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus, por ter me dado forças para não desistir e estar presente em todos os momentos da minha vida.

À minha família pelo apoio.

Ao poeta e escritor Zé Adalberto por estar sempre disponível para colaborar na produção deste trabalho.

Aos meus amigos que contribuíram direta e indiretamente, nesse meu percurso.

Ao Professor Me. Adeilson Tavares, pelas orientações e paciência comigo.

Aos professores da banca examinadora.

A todos os professores da graduação, assim como os funcionários da UEPB, Campus VI.

Ama, com fé e orgulho, a terra em que nasceste!

(Olavo Bilac)

## RESUMO

A poesia popular chegou no Nordeste através da colonização e da escravidão, e os nordestinos aprimoraram essa arte imprimindo-lhes características próprias, por isso, a cultura nordestina é uma prática social consagrada através dos tempos pela tradição sendo transmitida de geração a geração. Para tratar deste tema, tomaremos sob estudo alguns poemas das seguintes obras do autor Zé Adalberto: *No Caroço do Juá* (2005), *Cenário de Roedeira* (2014) e *Amizade a Pelo e Pena* (2017). Observamos metodologicamente que nossa pesquisa é descritiva, documental e qualitativa. Nosso objetivo foi perceber nas obras deste autor uma representatividade da cultura regional e da identidade do povo nordestino. Ainda se buscou identificar os aspectos literários ao modelo de literatura regional pernambucana; bem como perceber os elementos culturais, críticos e figurativos nas obras. O estudo foi referendado sob a luz da teoria literária regionalista de autores como Silva (2012), Tavares (2005), Massaud (2003), Cascudo (1988), Bosi (1977) e Zumthor (1977). Logo, percebe-se que o autor Zé Adalberto busca através da sua poética, preservar os valores e a cultura do sertanejo. O poeta defende o povo sertanejo, as tradições e sua poesia. Como um pernambucano do vale do Pajeú, considerado como um dos maiores poetas populares e gênio em sua arte de transmitir de forma poética os sentimentos alheios, é um legítimo representante da cultura nordestina. Por fim, podemos dizer ainda que o desejo do autor seja colocar a poesia no interior das escolas como forma de perpetuar essa herança da cultura popular nordestina.

**Palavras-chave:** Literatura. Cultura Nordestina. Poesia Popular.



## ABSTRACT

Popular poetry arrived in the Northeast through colonization and slavery, and the Northeasterners improved this art by giving them their own characteristics. Northeastern culture is a social practice consecrated through the ages by the tradition being transmitted from generation to generation. In order to deal with this theme, we will take under study the works of the author Zé Adalberto No Caroço do Juá (2005), Scenery of Roedeira (2014) and Friendship at Hair and Feather (2017). Our objective was to perceive in the works of this author a representative of the regional culture and the identity of the Northeastern people. We still sought to identify the literary aspects of the regional literature model in Pernambuco; as well as perceive the cultural, critical and figurative elements in the works. The study was endorsed in the light of the regionalist literary theory of authors such as Silva (2012), Tavares (2005), Massaud (2003), Cascudo (1988); Bosi (1977) and Zumthor (1977). Therefore, it is perceived that the author Zé Adalberto seek through his poetics, to preserve the values and culture of the sertanejo. The poet defends the sertanejo people, the traditions and their poetry. As a Pernambuco from the Pajeú valley, considered one of the greatest popular poets and genius in his art of poetically transmitting the feelings of others, he is a legitimate representative of Northeastern culture. Finally, we can say that the author's desire is to place poetry inside schools as a way of perpetuating this heritage of Northeastern popular culture.

Keywords: Literature. Nordeste Culture. Popular Poetry.

## Sumário

1. INTRODUÇÃO .....	09
2. CAPÍTULO I: Repente, Poesias e Cultura Popular Nordestina.....	12
2.1 A Poesia Popular Nordestina sob o olhar de Zé Adalberto .....	16
3. CAPÍTULO II: Da vida cultural à literatura popular: versos, repentes, cordéis e poesia .....	21
4. CAPÍTULO III : O poeta popular no cânone da literatura: a poesia de Zé Adalberto .....	27
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	36
6. REFERENCIA BILIOGRÁFICAS .....	38
7. APÊNDICE - A.....	40

## 1. INTRODUÇÃO

Existem várias expressões de estilos que se apresentam na literatura popular brasileira, seja oral ou escrita, trazendo a história e a memória do nosso povo, tais como: cantorias, repentes, poesias, cordéis, sonetos, outras modalidades. De modo especial, os versos improvisados são uma arte que se destacou no meio rural do Nordeste, especificamente no sertão, e que aos poucos vêm conquistando público das grandes cidades. A razão disto é, possivelmente, o número crescente de pessoas que migram do interior para as cidades em busca de melhores condições de vida, e levando consigo costumes culturais profundamente enraizados. Geralmente, o desafio do repente se desenrola num tremendo duelo, numa verdadeira briga poética, cuja arma é o verso rápido, gracioso e inusitado, cheio de vivacidade e vigor.

Embalados nas estrofes ou nos versos criados ao sabor do improviso nas cantorias, nas reuniões de glosas, encontro dos amigos, dos cantadores nos poetas nordestinos, o repente se faz presente representando a variedade de quadros de que o cotidiano nos apresenta. Como manifestação da cultura popular nordestina, a poesia popular canta o sertão, suas alegrias e tristezas, apresentando traços característicos da identidade de um povo.

Esta manifestação nordestina do repente não se restringe apenas aos cantadores de viola, pois há diversas outras manifestações culturais de improvisos poéticos no Nordeste. No sertão nordestino, são todos poetas, o que os diferencia são as modalidades de métricas e os instrumentos que acompanham e fazem a melodia ou dão o ritmo de cada manifestação poética.

Assim, diante desse cenário da literatura popular nordestina surge o nosso objeto de estudo neste trabalho, através de um estudo da área da poesia do autor pernambucano Zé Adalberto, da cidade Itapetim/PE, que desde menino aprendeu e se descobriu pela presença marcante da cantoria, do repente e da poesia da região onde morava. É justamente desse lugar do discurso de sujeito que se enquadra na categoria de cultura popular e da defesa das manifestações culturais próprias da região do Pajeú pernambucano, que surge a obra de Zé Adalberto como modelo de resistência e divulgação da literatura popular nordestina, considerando que a poesia deste autor configura-se como um espaço capaz de oferecer diferentes leituras sobre a realidade sócio-cultural do Nordeste.

É necessário apresentar essa riqueza de informações que pode transformar e direcionar um indivíduo, tomando como ponto de partida a origem do repente – nome que caracteriza o processo de produção textual oral, também chamado de improviso – estilo característico da região Nordeste do Brasil. Também podemos nos posicionar, no caso aqui estudado, sobre o lugar da poesia popular representada por vários escritores locais, e em especial, àqueles pelos da região do sertão paraibano e pernambucano, mais especificamente, na região do Pajeú e Sertão do Moxotó (PE), onde estão as cidades de São José do Egito, Itapetim, Sertânia, Arcoverde e Serra do Teixeira e Cariri Ocidental (PB), onde se localizam as cidades de Teixeira, Princesa, Sumé, Monteiro e Prata.

Nesta área de interior, dividida pelos dois estados, surgiram praticamente todos os importantes cantadores que a tradição nos últimos tempos, nos legou: Severino Pinto (Pinto do Monteiro), Lourival Batista (Louro do Pajeú), Zé Limeira, além dos lendários Nicandro Nunes da Costa, Silvino Pirauá Lima, Francisco Romano Caluete (vulgo Romão do Teixeira), Inácio da Catingueira, Agostinho Nunes da Costa e seus filhos Antônio Ugolino Nunes da Costa e Ugolino do Sabugi. (todos os sete cantadores do século XIX, sendo que aos três últimos são creditados a iniciação a tradição do repente no meio do século XIX).

Assim, objetivamos neste trabalho descrever a obra de José Adalberto como uma representatividade da cultura regional e da identidade do povo nordestino. Como objetivos específicos buscamos: identificar os aspectos literários da obra de Zé Adalberto a partir dos livros: “*No Caroço do Juá*” (2005), “*Cenário de Roedeira*” (2014) e “*Amizade a Pelo e Pena*” (2017); aproximar o perfil do autor estudado ao modelo de literatura regional pernambucana; perceber os elementos culturais, críticos e figurativos nas obras.

A obra de quem pretendemos analisar, como já mencionado anteriormente, é a do poeta pernambucano José Adalberto Ferreira, conhecido popularmente como Zé Adalberto, da cidade de Itapetim-PE, que aos 16 anos, aproximadamente, começou a criar seus primeiros versos. Timidamente, ainda na zona rural, teve como fonte despertadora do seu dom, programas de cantoria de viola, através do rádio. O referido poeta em suas poesias aborda temas relacionados a fauna, a flora, fatos atuais, a cultura, as questões sociais, a vida do sertanejo, o sofrimento amoroso, o amor não correspondido, a beleza da mulher, entre outros.

Nossa hipótese inicial é que por meio da obra do poeta Zé Adalberto consigamos apresentar e representar a cultura popular nordestina e regional, ou seja, buscar declarar

que tal obra se aproxima da literatura popular nordestina e de todos os estilos e modelos que nela existem, mas também traz o sentido mais próprio e íntimo da região onde vive e mora seu construtor.

A pesquisa sobre a obra de José Adalberto Ferreira, vulgo Zé Adalberto do Carço do Juá, foi motivada pelo contato com seus livros, bem como pela repercussão da importância de seu trabalho na região. Para tanto, observamos metodologicamente que nossa pesquisa é descritiva, documental e qualitativa, alguns passos realizados no sentido de responder aos objetivos acima elencados. Primeiro, reuniu-se todas as obras disponíveis do autor, como livros, Cd's, Cordéis, e artigos jornalísticos que falavam sobre a vida ou a obra de Zé Adalberto, sejam materiais físicos ou disponíveis na internet. Após esse levantamento, procurou-se uma leitura específica da obra à luz da teoria da literatura popular (Silva – (2012); Tavares (2009); Moisés (2003); Catenacci (2001); Cascudo (1988); Bosi (1977)) a fim de buscar respostas aos nossos propósitos na pesquisa. Na sequência realizamos uma entrevista (Apêndice) com o autor estudado buscando o sentido mais pleno dado à sua obra, assim como as memórias do lugar social, cultural e histórico de onde nasce o poeta. Por fim, ainda buscou-se a posição social e crítica da obra deste autor com a região onde atua, tendo disso identificado o propósito maior em influenciar o campo educacional com seus livros e cordéis na sala de aula.

Vale enfatizar que as instituições das redes de ensino da educação básica, ainda não deram a merecida importância, ao peso e a riqueza da linguagem escrita e falada dentro do universo da poesia dita popular. A poesia popular nordestina contribui com ações literárias que estimulam a leitura, a produção textual, a compreensão e a expressão. É importante estimular o interesse das instituições nos seus vários níveis, para o reconhecimento da poesia popular escrita e oral, que representa o homem sertanejo como patrimônio cultural da região. A esse propósito, recentemente o município de Itapetim – PE, no Sertão do Pajeú, entrou no novo mapa turístico do Ministério do Turismo, justamente por causa do seu grande potencial na arte poética, Itapetim foi inserida como *Território da Poesia e da Cantoria*<sup>1</sup>. Considerando a representatividade cultural dos itapetenses, podemos afirmar que o poeta Zé Adalberto se enquadra como legítimo defensor da cultura pernambucana, sempre representando e valorizando a região.

---

<sup>1</sup> Fonte: Repórter do Sertão.

## 2. CAPÍTULO I

### **Repente, Poesia e Cultura Popular Nordestina.**

A literatura popular está representada tanto pelo material impresso, muito bem apresentado a partir dos folhetos de cordel, quanto pela elocução de cantadores nas pelejas e desafios, sendo estes importantes expoentes dos versos cantados. No horizonte da cultura oral elencamos a importância do complexo campo literário e da formação educativa do homem comum, no qual encontramos a estrutura do Romanceiro Popular do Nordeste brasileiro, cujas influências da cultura ibérica foram recriadas com o passar dos tempos. Bráulio Tavares (2005), ao comparar o mundo da escrita e o mundo da cultura oral, descreve que no primeiro caso, existe uma rigorosidade acadêmica para se achar a versão oficial, aquela que deverá ser publicada. Na cultura oral tudo é recriação, pois existem várias versões para a mesma obra, para o mesmo mito, para a mesma lenda. Aqui, tudo depende da capacidade criativa do poeta e da situação, pois não existe uma maneira de aprisionar esse tipo de produção.

De acordo com Silva (1988), a designação de literatura popular é questionável, dado os vários significados de termo “popular”. Deste modo, numa perspectiva romântico-tradicionista, literatura popular é:

(...) aquela literatura que exprime, de modo espontâneo e natural, na sua profunda genuinidade, o espírito nacional de um povo, tal como aparece modelado na particularidade das suas crenças, dos seus valores tradicionais e do seu viver histórico. (p.116-117)

Nesse sentido, Vilhena (1997, p. 24 apud CATENACCI, 2001) reforça que a cultura popular é representada no folclore – saber do povo – como ‘antiguidades populares’, ‘literatura popular’. “Portanto, popular, olhando pelo prisma do folclore, é o que se refere à tradição, depósito da criatividade camponesa, da comunicação cara a cara, da profundidade que se perderia com as mudanças exteriores da modernidade”. (p.28)

Nesse sentido, a literatura popular é um estudo da cultura de um povo, que desde a antiguidade até os momentos atuais podem ser estudados por escrito nos folhetos de cordel e nos livros, e oralmente nos festivais.

SilvaeSilva (2011), afirmam que:

Desde a antiguidade, com Platão e Aristóteles, o problema para se definir literatura sempre esteve presente. Assim como muitos outros povos, os gregos já dispunham de uma rica cultura literária antes mesmo de dominarem a escrita. Devido a importância da literatura, seu estudo também foi utilizado para se estudar a cultura. Os estudos sobre cultura nasceram a partir dos estudos sobre literatura (p. 02).

Assim, a literatura popular deve ser evidenciada pelo seu valor e porque também é uma prática da vida cultural e pensando especificamente a partir da região nordestina tem sua origem na história antiga dos antepassados, remetendo-a a todo um conjunto de práticas sociais e culturais de um povo. Logo, a literatura nordestina surgiu como fenômeno literário a partir da Cantoria de Viola ou Repente, por ser uma manifestação poética oral e improvisada e muitas vezes de expressões populares pertencentes ao universo da oralidade. A razão disto reside o fato de que os poetas semialfabetizados, ou mesmo os já plenamente alfabetizados, são herdeiros de uma tradição poética sedimentada social e historicamente da poesia oral improvisada dos cantadores e repentistas. Silva (2012) reforça:

A força da palavra do poeta representava a verdade e merecia respeito, além de disseminar arte e beleza, até hoje. A poesia aproxima leitores e autores, estabelece cumplicidade, inquietações, curiosidades, mas também conhecimentos, responsabilidades, comprometem tanto malhas de criações interrompidas, como uma viagem. Esta viagem faz ultrapassar fronteiras, dissolvendo-as ou recriando-as, por isto a viagem não pode ser interrompida, ela recria identidades, prolifera diversidades e descortina pluralidades (p. 1-2).

Para o autor Braúlio Tavares (2006) o repente (verso improvisado, feito na “hora”) não se originou no Nordeste. O repente obteve características próprias no Nordeste brasileiro. O repente existe na maioria das culturas, principalmente, nas culturas rurais e não literárias, as quais não utilizam a palavra escrita e que dependem da comunicação oral e da memória. No caso do Nordeste, temos como grande fonte do nosso repente a África, os africanos são grandes improvisadores, e essa influência repentina do africano veio para o Nordeste por meio da escravidão e colonização, e temos nos desafios de maracatu, no coco de embolada e na cantoria de viola.

O repente é uma das tradições mais ricas da cultura popular nordestina, pois é nessa tradição que o poeta recita de forma sublime a vida do sertanejo. Os poetas que utilizam essa cultura do repente ainda carregam alguns estereótipos por serem do interior do Nordeste. Porém, de acordo com Ferreira (2010), há estudiosos que foram/são generosos na definição desses profissionais. Podemos citar Sílvio Romero, Câmara Cascudo, Gustavo Barroso, Guilherme Neto, Leonardo Mota, Luís Wilson, Pedro Ribeiro e Orlando Tejo.

Sílvio Romero define o repentista como um homem de poucas letras, rústico, sem conhecimento de gramática ou quase sempre analfabeto; ‘intérprete fiel dos costumes, das histórias e do heroísmo de seu povo’. Câmara Cascudo, também o conceitua como errante, analfabeto [...] , apesar de também nomeá-lo ‘representante legítimo de todos os bardos e menestréis’. Para Mota, ‘são os poetas populares que perambulam pelos sertões, cantando versos próprios e alheios’. Wilson dá ênfase, de maneira muito negativa, à falta de musicalidade dos Repentistas. [...] os que conceituam de maneira positiva, Barroso eleva filosoficamente a imagem dos poetas populares, ao afirmar que são ‘indivíduos cultos ou semicultos’, cuja poesia desce ao povo e se batiza nas águas lustrais do seu oralismo. Neto define os repentistas como ‘geniais poetas e versejadores do sertão’. Para Ribeiro, são os representantes máximos do repente. Tejo, por sua vez, filosofa ao afirmar que os repentistas constituem imensa legião de ‘homens que amam, sonham, sofrem e brincam de viver no mundo, pescando estrelas, caçando ilusões, plantando tardes, colhendo auroras, levando a sua imagem sutil e profunda, tímida e vigorosa ao povo ávido de poesia que os ouve embevecido’ ( p. 1-2)

Os repentistas são importantes personagens da nossa cultura popular nordestina, cantam o Nordeste, suas histórias, lamentos, riquezas, através dessa arte expressam toda a sua sabedoria popular.

Os improvisos sempre obedecem a um conjunto de regras obrigatórias, que são: a rima, a métrica e a oração. Os repentistas adotam a rima gráfica, ou seja, a rima exata, por exemplo: *pará* rima com *cá*, *babá*, mas não rima com *cantar* nem com *ar*, mesmo que o *r* final dessas palavras não apareça na pronúncia. A métrica para os repentistas, além do rigor silábico, sete, dez ou onze sílabas poéticas. Entra em cena uma regra que faz toda a diferença: a tonicidade, isto é, não basta um verso em decassílabo ter dez sílabas, estas deverão estar dispostas de modo que a terceira, a sexta e a décima sejam tônicas. E por fim, a oração que se trata da obediência ao tema e o aprofundamento da abordagem feita. Claro que trabalhar qualquer tema de maneira consistente é algo que



apresenta um grau de dificuldade, mas, imagine em verso, em que há limite de palavras, quantidade fixa de sílabas, rimas, etc (FERREIRA, 2010).

O “repente nordestino” é uma das diversas formas que surgiu de interpretação de canto e poesia. Seus personagens, chamados de repentistas, cantadores, glosadores, emboladores, aboiadores improvisam versos sobre os mais variados assuntos, e andando pelas feiras e espaços populares se apresentam sozinhos ou trocam versos com outro cantor - o chamado desafio. Segundo Cascudo (1988):

O desafio é uma disputa poética, cantada, parte de improviso e parte decorada, entre os cantadores. É gênero que recebemos de Portugal e conhecido em todo o Brasil, mantido especialmente no Nordeste brasileiro mais no sertão que na orla litorânea. (p.126)

O repente dos cantadores, o nosso romanceiro, tem também origem ibérica, porém, possui característica própria, pela riqueza e variedade das formas de estrofes usadas. Dessas estrofes, as mais utilizadas são a sextilha, a décima de sete sílabas (mesma estrutura usada nos poemas ibéricos) e o martelo agalopado.

De acordo com as pesquisas de Tavares (2009):

O Romanceiro Popular do Nordeste teve origem ibérica, mas atraiu para si outras tradições, como um rio largo que por onde passa vai capturando afluentes. O Nordeste brasileiro não apenas passou adiante os romances em versos trazidos de Portugal, mas lhes deu um formato próprio, criou novos temas, personagens, ciclos inteiros de assuntos. No Nordeste também foram inventadas novas formas de estrofe, novas maneiras de organizar as rimas, dando ao nosso romanceiro nordestino um perfil distinto do Romanceiro Ibérico. (p. 100).

As representações, que o Romanceiro Popular imprime, fazem valer a força de uma literatura inspirada nas histórias de cunho coletivo, referenciada pelo que existe de mais íntimo nos sentimentos do povo, executadas por uma grande força comunicativa, nas quais os desejos coletivos deste povo são explorados. Por este motivo as histórias da cultura sertaneja se confundem em sua origem e também na sua divulgação, quando veiculados pelo Romanceiro, e mais precisamente, na literatura de cordel, trazendo à tona a fusão entre o erudito e o popular.

O Romanceiro Ibérico é o conjunto de poemas originário de Portugal e da Espanha, que vem a ser uma história contada em versos de sete sílabas ( ou mais raro de cinco sílabas). Em sua estrutura os poemas podem ter rima única ou podem usar

diferentes rimas, sendo essas rimas exatas ou toantes (apresenta igualdade sonora apenas nas vogais, a partir da última vogal tônica até o final do verso). As estrofes não tem número obrigatório de linhas. Lembrando que muitos desses poemas foram trazidos para o Brasil durante a colonização.

Em pesquisas diversas sobre a poesia popular nordestina, observamos que não há, ainda, muitos estudos concentrados em sua análise, e, principalmente, nas suas relações com outros textos. Universo ainda pouco explorado, a poesia regional nos possibilita um vasto e denso território a ser estudado. Seus versos curtos, com poucas rimas, tomando formas e aspectos diferenciados, trazem ao leitor, num primeiro olhar, a vontade de decifrar algum sentido mais implícito.

## **2.1 A Poesia Popular Nordestina sob o olhar de Zé Adalberto**

A poesia popular nordestina é vasta e para tal não há limites, por meio dela o poeta consegue expressar de forma completa um pensamento, um sentimento, uma ideia e até mesmo resumir uma história. De certa forma a poesia sempre esteve presente em nossas vidas: seja nas cantigas de roda, nas parlendas, nos trava-línguas, e nas adivinhas da nossa infância e nos bilhetinhos, frases de amor nas agendas ou nas músicas que ouvíamos na adolescência e nas rodas de versos entre amigos. Sua capacidade de síntese é grandiosa, pois em poucas palavras, arrumadas em uma estrofe de seis linhas conhecida como sextilha, o poeta consegue expressar de forma completa um pensamento, um sentimento, uma ideia ou um protesto.

Sabendo que a poesia é caracterizada como gênero literário seus versos são estruturados de forma harmoniosa em que o poeta retrata tudo aquilo que comove, que sensibiliza e desperta sentimentos. Para Moisés (2003, p.77) a poesia é “a expressão natural dos mais violentos modos de emoção pessoal”.

Conforme reforça Bosi (1977):

“[...] a poesia nutre com o seu meio uma lucidez nova que adelgaça a sua carne e deixa transparecer uma armação óssea. Ela se dispõe então ao lado de um pensamento que analisa enquanto imagina, abstrai enquanto forma e depura enquanto cria [...]” (p. 210).

Então, a poesia se especifica pelo uso criativo e transformador das palavras imprimindo sua ideia e a identidade de um povo. Logo, a poesia é a arte que representa a comunicação entre o eu-poético com a cultura do povo.

Sobre o texto poético dessa arte há elementos específicos em sua construção, como por exemplo, o ritmo, os versos, as estrofes, a métrica, a rima e a linguagem. De acordo com a explicação de Bosi (1977) sobre o discurso poético temos que:

[...] o discurso poético [...] joga, quanto pode, com os processos da 'lógica poética' isto é, com as figuras sonoras e semânticas, sobrevivendo como algo obscuro, objeto surpreendente e estranho nos céus sempre mais aclarados pelas luzes de uma cultura científica e tecnológica (p. 209).

Vale reforçar que a poesia não está presente apenas na literatura escrita, há poesia na fotografia, na música, no teatro, na pintura e em tudo que possa despertar sentimentos no leitor. Zumthor (1977) a questão da oralidade presente na poesia oral e escrita, procura reativar a oralidade que sempre foi um fator presente nas culturas antigas, mas que atualmente vem sendo deixado em segundo plano por causa da escrita estar diretamente ligada ao movimento literário.

Indo por esse caminho Zumthor (1977) julga desnecessário considerar a oralidade como algo negativo: “Oralidade não significa analfabetismo, o qual, despojado dos valores próprios da voz e de qualquer função social positiva, é percebido como lacuna” (p.27)

A poesia surgiu antes da escrita. Percebemos através das leituras sobre o assunto que essa arte teria surgido com o propósito de facilitar a transmissão oral e a memorização da poesia para a sociedade.

A poesia popular também é um gênero literário, porém sua cultura é em sua maioria oral. Através dessa manifestação o povo passou a narrar em versos os fatos históricos, os grandes amores e paixões, o heroísmo, as lendas, os mitos e as festas religiosas. Ou seja, a poesia popular canta os sentimentos do povo, ironizando as dificuldades e construindo cenas do dia a dia numa linguagem simples.

A poesia popular deu origem a gêneros como o cordel e a cantoria. Este último caracterizado como poesia oral. Segundo Cascudo (1998, p.514) a literatura oral “são todas as manifestações culturais de fundo literário transmitidas por processos não gráficos”. A literatura oral é transmitida pelo povo, oralmente, podendo ser registrado, ou não, por meio da escrita com o intuito de “guardar” a poesia.

A poesia popular, hoje em dia, é conhecida e praticada nacionalmente, através das divulgações nas redes sociais, TVs, se expandindo também nas grandes cidades e em outros países. Essa divulgação da poesia popular é sempre relacionada aos costumes nordestinos.

Falando de poesia popular, Zumthor (1997, p.23) parafraseando Montaigne diz que: “[...] Quando Montaigne falava de ‘poesia popular’, contentava-se em glosar ‘puramente natura’ em oposição aquela que é ‘perfeita segundo a arte’ [...]”. Por ser verbalizada e escrita com uma linguagem simples a poesia popular é feita do povo e para o povo.

Cascudo (2005) justifica como a poesia popular vem sobrevivendo e mantém inalteradas suas características de forma e conteúdo enquanto gênero oral, apesar das mudanças sociais e das novas tecnologias:

o cantador recuou ante a radiola, a vitrola, o cinema, a revista ilustrada. Mas conserva seu público [...] Ainda vivem os cantadores sertanejos. Vivem nas vilas, nas feiras, nas festas das fazendas. Algumas cidades são visitadas por eles. Natal, Fortaleza, Recife, João Pessoa [...] (p.13).

Contudo, vamos relatar a poesia de Zé Adalberto, o qual é objeto do nosso estudo. Nascido no sítio Juá município de Itapetim – PE, começou a despertar o seu dom poético ouvindo cantoria pelo rádio. A poesia do poeta e escritor Zé Adalberto é totalmente popular, voltada para todos os tipos de público, com uma linguagem simples que abrange todos os assuntos.

Apesar dos poucos trabalhos direcionados aos estudos da poesia popular nordestina nas escolas é notável que a presença da poesia é relevante para a formação de leitores, trabalhar com o imaginário do aluno, desenvolver a criatividade e a possibilita de trabalhar o lúdico e o teatro com as crianças.

Foi realizada uma conversa (entrevista) com Zé Adalberto via WhatsApp. O roteiro da entrevista está no apêndice. Nosso intuito foi de saber como se desenvolve a cultura do lugar onde reside o autor e como a poesia popular nordestina é abordada nas escolas da região.

O conto *Amizade a Pelo e Pena* – obra que citamos nessa monografia - foi trabalhado em escolas públicas e particulares, inclusive o autor estava presente participando diretamente do projeto.

Em uma conversa com o poeta e também escritor Zé Adalberto, sobre o seu dom poético, o mesmo relatou a dificuldade de escrever um conto:

[...] fiquei muito feliz depois de ter publicado alguns livros de poemas como no “Caroço do juá” [...] e depois um livro infantil, depois “Cenário de Roedeira”, [...] e mais um infanto-juvenil. Mais uma das coisas que foi mais gratificante pra mim, foi poder também enveredar, transitar por outro gênero que é a prosa né, que foi o “Amizade a Pelo e Pena” esse livro eu fiquei feliz demais por ele porque de certa forma me qualificou e me possibilitou a chegar ao público com o conto fabular, porque a gente que é preso a rimas [...] a memória o cérebro eles sentem uma certa necessidade de ir por aquele caminho sonoro e fugir disso pra mim foi um sacrifício muito lovável [...] (Entrevista com o autor Zé Adalberto).

Ao ser indagado sobre a definição de ser um escritor, relatou:

Pra mim ser um escritor é com toda humildade, eu me sinto uma pessoa de certa forma agraciada pela natureza pelo universo né por ter essa capacidade é de ver determinadas coisas e conseguir trazê-las para um papel e conseguir fazer com que essas coisas também possam chegar a outras pessoas [...] não sou de fato escritor, aquele escritor tão reconhecido mais também não posso menosprezar esse dom essa força essa vontade de querer registrar a minha passagem por aqui e deixar algum exemplo né, é pra que as pessoas possam é me, eu diria até me pesquisar ou então querer saber quem eu fui apesar d’eu não ser tanto (Entrevista com o autor Zé Adalberto).

Questionado sobre o que pretende alcançar com suas obras, principalmente com “Cenário de Roedeira”, “No Caroço do Juá” e “Amizade a Pelo e Pena” – que são as obras apresentadas neste trabalho disse:

[...] o livro ‘*No Caroço do Juá*’ [...] foi publicado por uma grande necessidade mesmo financeira de sobrevivência porque estava [...] com a minha saúde muito abatida [...] mesmo no hospital consegui escrever muitos poemas [...] o livro “No Caroço do Juá” agora sim sintetizando ele nasceu mais por uma necessidade mesmo pra cuidar da minha saúde pra dar alguma coisa e foi até um milagre de venda no lançamento aqui foi uma coisa impressionante [...] (Entrevista com o autor Zé Adalberto).

É o livro ‘*Cenário de Roedeira*’ é ele nasceu e a minha intenção foi chegar num publico que eu sei que gosta do, que gosta dessa questão da sofrência, da roedeira [...] por isso que eu optei é por chegar é num publico que gosta muito desse tema tanto é que eu acho que ele nunca perde é a sua, ele tá sempre atualizado essa questão da sofrência é uma coisa inspiradora e que faz a gente tentar agradar as pessoas e tentar principalmente se colocar no

lugar né, que as vezes a gente sabe de uma história e acaba escrevendo silenciosamente [...] e acaba dando certo com alguém [...] (Entrevista com o autor Zé Adalberto).

O livro *'Amizade a Pelo e Pena'* [...] foi uma solicitação por uma pessoa que é daqui do Pajéu que mora em São Paulo [...] é bibliotecária e agente literária numa escola lá em São Paulo [...] que pedia: - Zé escreva sem ser rimando [...] escreva de outra forma, também, pra você chegar noutra publico, noutra gosto [...] aí tô tentando enveredar por essa banda também porque me parece que as secretarias de educação algumas prefeituras, elas tem a possibilidade de comprar esse tipo de material. [...] queria detalhar isso. [...] O pessoal de Triunfo - PE, Serra Talhada - PE, Brejinho - PE, Afogados da Ingazeira - PE, São José do Egito - PE muita gente trabalhou esse livro e aqui em Itapetim – PE, principalmente, e a gente fica muito feliz por poder transitar [...] (Entrevista com o autor Zé Adalberto).

É relevante relatar, também, a descrição que o poeta faz sobre a cultura popular (poesia) de Itapetim – PE:

[...] Itapetim – PE, a quem eu dei o nome de 'Ventre Imortal da Poesia' cada vez mais ela tem se habituado, se familiarizado com essa questão da poesia [...] o povo de Itapetim – PE aprecia muito a cantoria de viola, a poesia, a declamação, a mesa de glosas [...] tem grupos de dança, de teatro é tem uma série de coisas na casa de juventudes lá, na secretaria de cultura, e eu acho que Itapetim – PE tem demonstrado muito interesse é nessa questão da poesia. [...] tenho muita gratidão pelo povo de Itapetim – PE [...] a gente tem que atrai é de levar as pessoas a gostar eu acho que a cantoria, a poesia [...] em Itapetim – PE o foco maior é a poesia [...] é a única cidade do mundo eu acho que faz um festival de poetas [...] regionais ou poetas de Itapetim – PE [...] a gente conseguiu fazer um festival aqui com 7 duplas, ou seja, 14 pessoas cantando é isso tem agricultor no meio tem vaqueiro, tem professor é mais em outras cidades você não vai encontrar material humano pra fazer um evento dessa natureza. Além do festival de poetas profissionais [...] um dos maiores festivais do Nordeste [...] embora precise melhorar muito aí em todos os aspectos né tanto no apoio como no interesse também [...] (Entrevista com o autor Zé Adalberto).

Veremos mais adiante como as razões demonstradas pelo autor aparecem concretizadas em suas poesias nas três obras aqui analisadas.

### 3. CAPÍTULO II

#### **Da vida cultural à literatura popular: versos, repentes, cordéis e poesia**

O poeta popular é um contador de histórias da infância, da adolescência e da fase adulta, traz uma singularidade na escrita dos seus versos, uma delicadeza e cuidado com o dialeto sertanejo. E com a poesia de Zé Adalberto não é diferente, um dialeto sertanejo, porém cheio de expressões, sentimentos que atingem todas as idades e classes possíveis.

O poeta e escritor itapetinese José Adalberto Ferreira tem em suas obras livros que se intitulam: “*No Caroço do Juá*” (2005), “*Cenário de Roedeira*” (2014), “*Amizade a Pelo e Pena*” (2017), “*Circo do meu Sonho*” (sd) e “*Real ou Imaginário: Circo é Diversão*” (sd); e também cordéis, dentre os quais podemos citar: “*Procurando São Jorge na Lua*”, “*As Influências da Lua*” e “*Luiz Gonzaga: de Exu para o Mundo*”.

Nossa análise envolverá os três primeiros livros citados acima tomados como um trabalho que apresenta a cultura popular nordestina através das obras do poeta itapetinese Zé Adalberto do Caroço do Juá – como é popularmente conhecido. Essa cultura popular representada pela poesia e a prosa é o resultado de uma interação entre o povo de uma determinada região. Seu conteúdo é específico daquela localidade, valorizando suas crenças, artes, linguagem, hábitos e tradições. Essa arte popular é caracterizada por vários estilos poéticos, os quais exporemos mais adiante.

A poesia popular se manifesta de diversas maneiras, nos desafios, nas modas de viola, nas cantigas folclóricas. Nessa cultura popular os gêneros literários usados são: a poesia e a prosa, ambas com suas modalidades.

A poesia é materializada na oralidade e na escrita, retratando de forma perfeita os anseios e a cultura da região. Com uma linguagem espontânea, porém significativa que traduz os valores e também a ideologia do povo da região. A poesia popular é feita pelo povo e para o povo, na linguagem que o povo conhece. Com relação a poesia Moisés (2003, p.77) diz que ‘a poesia é a arte de comunicar a emoção humana pelo verbo musical’ [...], pois ‘a poesia é a expressão natural dos mais violentos modos de emoção pessoal’. O mesmo autor ainda reforça “[...] a poesia ultrapassa o nível do verso e se manifesta sempre que as palavras declararem o ser: o ‘eu’ que se autodesvenda” (2003, p. 134).

O que percebemos é que a poesia está presente em tudo, em uma situação cotidiana, em uma paisagem, em uma fotografia e até mesmo no próprio poema. A poesia pode estar presente em diversas manifestações artísticas, definindo os mais diversos sentimentos, podendo ser expressos de diferentes maneiras, provocando o lado sentimental do leitor. A poesia se destaca das outras formas de escrita pelo uso repetitivo das palavras, do verso, da rima e da estrutura.

No entanto o poema é também considerado como poesia, a diferença é que se usa palavras como elemento principal. O poema expõe o pensamento e os sentimentos do próprio escritor, sua estrutura é formada por versos e estrofes.

Já a prosa é um gênero em que o texto é escrito e corrido. Na prosa não se utiliza rima, métrica, ritmo, sílabas e musicalidade. Então, temos na prosa, o conto, a crônica, a novela, o romance, o ensaio. Vamos ressaltar o conto, pois o mesmo fará parte do nosso estudo.

Moisés (2003) diz que:

O conto é, pois, uma narrativa unívoca, univalente: constitui uma *unidade dramática*, uma *célula dramática*, visto gravitar ao redor de um só conflito, um só drama, uma só ação. Caracteriza-se assim, por conter *unidade de ação*, tomada esta como sequência de atos praticados pelos protagonistas, ou de acontecimentos que participam. A ação pode ser externa, quando os personagens se deslocam no espaço e no tempo, e interna, quando o conflito se localiza em sua mente. (p. 40).

Moisés (2003) enfatiza que na narrativa do conto há poucos personagens, o texto é objetivo e concreto com a realidade. O conto gira em torno de um ponto, focalizando um detalhe. De acordo com Moisés (2003, p.53) “a linguagem em que o conto é vazado deve ser objetiva, plástica e utilizar metáforas de um curto espectro, de imediata compreensão para o leitor”.

Ainda, de acordo com Moisés (2003), Carl H. Grabo - o pioneiro dos estudos sistemáticos do conto – divide o conto em cinco grupos: conto de ação, conto de personagem, conto de cenário ou atmosfera, conto de ideia e conto que transmite emoção.

Contextualizando os cinco tipos de conto Moisés (2003) diz que o conto de ação é o tipo mais comum, temos como exemplo *As Mil e uma Noites* e nos dias atuais os contos policiais e de mistério. Nesse tipo de conto o que predomina é a aventura, mas não significa que não haja outros componentes presentes no conto; o conto de



personagem tem como objetivo retratar uma personagem, como exemplo podemos citar *Feliz Aniversário*, de Clarice Lispector; no conto de cenário ou atmosfera prevalece o cenário e o ambiente sobre o enredo e os personagens (protagonistas). Neste tipo de conto a organização gira em torno dos objetivos, das características do ambiente em que a narrativa é contada. Como exemplo, temos, o conto de *Assombramento*, que é do volume *Pelo Sertão*, de Afonso Arinos; o conto de ideia seu objetivo é usar o conto como instrumento para transmitir o que pretende, ou seja, em vez de escrever para a ideia, o autor escreve um conto e nele imprime a ideia. Como exemplo, citamos, *O Alienista*, de Machado de Assis; e o conto que transmite emoção tem como objetivo principal despertar emoção no leitor, geralmente trás características do conto de ideia. Um exemplo é *O Gato Preto*, de Edgar Allan Poe.<sup>2</sup>

Os repentistas falam que métrica, rima e oração são os fundamentos de fazer o repente. No plano das regras do repente, a métrica é o fundamento principal dessa arte, enquanto a rima requer uma dose de ensino e aprendizagem. Segundo as concepções de Sautchuk (2012, p.152): “Com o avanço da aprendizagem esse saber é revisado com base em críticas e conselhos dos colegas, e o cantador aprende que apenas a semelhança sonora não basta para configurar rimas”.

Convém ressaltar que nem tudo que rima é repente, pois a rima utilizada no verso improvisado tem que ser uma rima exata. Tavares (2009) afirma:

A rima utilizada pelos cantadores repentistas é a rima exata. Você não pode rimar, por exemplo, ‘Mônica’ com ‘anônima’. ‘Mônica’ só rima com ‘tônica’, ‘harmônica’ e assim por diante. Você não rima ‘anônima’: tem um som diferente aí no meio. (p. 74)

Os estilos de poesia popular nordestina que mais presenciamos nos dias atuais são: o Repente e o Cordel. O primeiro com uma variedade de modalidades, entre elas a sextilha, a quadra, a décima, a septilha e outras que mencionaremos a seguir.

É válido reforçar que as normas poéticas, da poesia popular nordestina, estão inseridas nos procedimentos de uma tradição oral. No Repente há dezenas de modalidades/gêneros/estilos, entre elas a sextilha ( estrofe de seis versos, ABCBDB ) :

Eu comparo esta vida  
À curva da letra S:

---

<sup>2</sup> Essas informações foram parafraseadas do livro de Massaud Moisés.

Tem uma ponta que sobe  
 Tem outra ponta que desce  
 E a volta que dá no meio  
 Nem todo mundo conhece  
 (*Pinto do Monteiro*)

Sete linhas ou septilha ( estrofe de sete versos, em que o primeiro e o terceiro são livres, o segundo rima com o quarto e o sétimo e o quinto rima com o sexto, ABCBDDB ) :

A casa que não é rica  
 Feita de taipa é adrede.  
 No canto dela só tem  
 Um pote que mate a sede,  
 Um velho bico de luz  
 E um retrato de Jesus  
 Pendurado na parede.

(*Raulino Silva, em cantoria com Ivanildo Vila Nova em Pau dos Ferros – RN, 03/11/2007* ).

Décima (estrofe com dez versos, em que o primeiro rima com o quarto e com o quinto, o segundo com o terceiro, o sexto e o sétimo rimam com o décimo e o oitavo rima com o nono, ABBAACCDDC ) :

...  
 Pra que eu com dois olhos na barriga  
 Se os da cara já são suficientes  
 Pra que eu invejar os meus parentes  
 Se já sei que o retorno é uma intriga  
 A formiga que evita ser formiga  
 Cria asas, se torna tanajura  
 Cresce a bunda demais, cria gordura  
 Fica muito pesada e cai à toa  
 Pra que tanta riqueza, se a pessoa  
 Nada leva daqui pra sepultura

...  
 (*Zé Adalberto, 2005, p.18-20*)

Quadra ( estrofe de quatro versos, ABBA ou ABAB ) :

Cuida o homem do roçado,  
 Ara a terra, cava e planta,  
 Quando escuta no telhado  
 A canção que a chuva canta.

(*Geraldo Amâncio* )

Temos o Soneto, que não é um repente mais é um poema de forma fixa ( estrofe de quatro versos, com dois quartetos e dois tercetos ):

É bem melhor a gente não se ver

É bem melhor a gente não se ver.  
A distância elimina cicatrizes  
Do amor que morre, mas que tem raízes,  
Que com o tempo também irão morrer.

O melhor que se faz é entender  
Que distantes serenos mais felizes.  
Eu nunca saberei o que tu dizes  
E o que eu digo jamais irás saber.

Bem mais tarde – quem sabe – eu já velhinho,  
A gente ainda se encontre no caminho  
Coberto de lembranças que guardei,

E tu possas, sem mágoas, sem desgoto,  
Presentear-me um beijo no meu rosto,  
Dizendo bem baixinho – JÁ TE AMEI.  
(*Ronaldo Cunha Lima* )

E temos os versos cantados, o aboio que é um tipo de canto alongado e forte, com versos mais elaborados, com ritmos e melodias próprias, temos também galope na beira mar, dez pés de martelo alagoano, coqueiro da bahia, remo da canoa, o boi da cajarana, o que é que me falta fazer mais, outros.

Foi por volta do século XIX, que surgiram os primeiros poetas repentistas, na região de Teixeira, na Paraíba. Foi então na Paraíba que eles decidiram fincar raízes.

Os primeiros cantadores nordestinos surgiram na chamada Escola do Teixeira, na Serra do Teixeira, num interior que separa Paraíba e Pernambuco. A Escola do Teixeira, que teve Francisco Romano de Teixeira, que teve Silvino Pirauá, Germano da Lagoa, Ugolino Nunes da Costa, Nicandro Nunes da Costa e muitos outros poetas, grandes poetas, por volta de 1850. ( TAVARES, p. 74 )

O Cordel que chegou ao Brasil no século XVIII, através dos portugueses. Assim como o Repente, o Cordel retrata fatos da vida cotidiana da região. Os principais assuntos dos folhetos são: festas, política, seca, disputa, briga, milagre, vida dos cangaceiros, atos de heroísmo, lendas, etc. As estrofes mais comuns no cordel são as de seis, oito ou dez versos.

A literatura de cordel já existia, tendo chegado à Península Ibérica (Portugal e Espanha) por volta do século XVI. Na Península a literatura de cordel recebeu os nomes de pliegos sueltos, na Espanha, e folhas soltas ou volantes, em Portugal. A história da literatura de cordel começa com o romanceiro do Renascimento, quando se iniciou a impressão de relatos tradicionalmente orais feitos pelos trovadores medievais, e desenvolve-se até a Idade Contemporânea. O nome cordel está ligado à forma de comercialização desses folhetos em Portugal, onde eram pendurados em cordões, chamados de cordéis, inicialmente, eles também continham peças de teatro, como as de autoria de Gil Vicente (1465-1536). Foram os portugueses que introduziram o cordel no Brasil desde o início da colonização (SILVA, 2012, p.7).

Portanto, o repente, a cantoria e a glosa fizeram parte da formação literária do autor Zé Adalberto e foram concretizadas nas poesias e cordéis por ele tratados nos diversos temas presentes nesse tipo de literatura popular. Assim, este autor reconhece e expressa com facilidade os valores e as belezas do seu Pajeú, por sempre ter vivido na região de Itapetim – PE.

#### 4. CAPÍTULO III

##### O Poeta popular no cânone da literatura: a poesia de Zé Adalberto

O Nordeste apresenta grande diversidade cultural, composta por manifestações diversificadas, dentre elas, a poesia popular, com seus variados estilos. Foi, por volta do século XIX, na Serra do Teixeira (PB) – cidade que divide Paraíba e Pernambuco – que surgiram as primeiras raízes da poesia popular. Atualmente encontramos muitos representantes dessa arte. Citaremos aqui com frequência Zé Adalberto, de Itapetim – PE, porque o mesmo é o autor das obras que analisaremos a seguir.

O poeta, e também escritor Zé Adalberto por meio da arte consegue expressar os sentimentos do sertanejo e a sua própria ideologia, sendo assim reconhecida pelo povo da região. Contudo, reafirmamos que a obra literária realça a beleza dos traços da cultura popular nordestina.

As obras analisadas do poeta, serão: “*No Caroço do Juá*” (2005) – coletânea de poesias variadas; “*Cenário de Roedeira*” (2014) – as poesias presente neste livro são saudosistas e de roedeira; e por fim “*Amizade a Pelo e Pena*” (2017) – é um conto fabular infantil.

O livro, *No Caroço do Juá* (2005), é todo em verso, passa por todos os temas e *motes*<sup>3</sup>. Tráz em suas páginas um contexto social que relata desilusões amorosas, fatos governamentais, históricos, religiosos, a vida do sertanejo, as riquezas e valores do Nordeste, e principalmente do Pajeú. Zé Adalberto recita toda essa poesia de uma forma sertaneja, com um dialeto singelo e não denigre nenhum personagem. Assim, eleva a representação dos temas da identidade e da natureza nordestina.

A obra, *Cenário de Roedeira* (2014), foi a mais esperada pelos apreciadores da poesia de Zé Adalberto, pois dentre toda a poesia do poeta o romance é o tema mais aplaudido. *Cenário de Roedeira* é totalmente em verso e todo seu dialeto é saudosiano, romântico e como o próprio livro intitula é de roedeira. A ideia de produzir esta obra surgiu de uma observação na internet feita pelo próprio poeta. O mesmo percebeu a enorme aceitação dos seus seguidores por essa temática da roedeira, logo surgiu a ideia de produzir um livro que abordasse apenas esse tema. Sobre publicar um livro com esse tema da sofrência, destacando o tema da mulher, do amor, o autor diz que:

---

<sup>3</sup> Estrofe, anteposta ao início de um poema, utilizada pelos poetas como motivo da obra que desenvolve a ideia sugerida pela estrofe.

“intenção foi chegar num público que eu sei que gosta dessa questão da sofrência, da roedeira, é eu fiz uma pesquisa eu e as minhas observações, até no facebook, ainda hoje isso acontece, seu eu publico uma estrofe falando do meio ambiente, por exemplo, pode ser uma estrofe bem elaborada vão lá 30, 40 pessoas clicam lá e pronto, aí se eu publico uma estrofe de roedeira se ela for bem feita se eu tiver a felicidade de fazê-la bem feita aí vão lá 300 pessoas e clicam e comentam né, na roedeira, por isso que eu optei por chegar num público que gosta muito desse tema [...]”. (Entrevista com Zé Adalberto)

E, por fim, temos *Amizade a Pelo e Pena* (2017) que é um conto fabular, o qual Zé Adalberto decidiu se aventurar, contado em prosa, que conta em seus mínimos detalhes a jornada de um encontro entre dois amigos. Esta obra foi um desafio para o escritor, pois foi a primeira vez que escrevera sem rima. *Amizade a Pelo e Pena* mexe com a imaginação, incentiva a leitura e a interpretação. O conto gira em torno do tema amizade que tem como raízes o respeito, o carinho, a determinação, a confiança e a descoberta pelo dom poético. Mostra também o interesse do autor em entrar no cenário educacional pela valorização e reprodução de futuros artistas locais.

Portanto, percebemos que nas três obras, mencionadas acima, de José Adalberto Ferreira conseguimos encontrar elementos culturais, indenitários, sociais, geográficos e históricos.

É válido lembrar que de acordo com Moisés (2003) a poesia é uma arte que transmite a emoção humana utilizando a musicalidade, retratando os anseios e a cultura da região, com uma linguagem simples traduz os valores e a ideologia do povo. Para reforçar a estrutura do conto Moisés (2003) diz que no conto há poucos personagens, o texto é concreto com a realidade, o conto gira em torno de um ponto, focalizando um objetivo. No conto também deve haver metáforas e que seja de fácil compreensão.

Observamos que a poesia é o principal elemento cultural da região. Através dessa cultura o poeta transmite a identidade da cidade e descreve a cultura do lugar. A formação cultural do lugar se dá a partir da valorização, do reconhecimento, da luta e da construção constante do discurso poético na região. Essa arte registra uma experiência vivenciada pelo poeta preservando a identidade de seu povo, sendo assim um instrumento de reflexão sobre a vida e os acontecimentos na região. Nota-se que essa cultura nordestina tem se expandido nas redes sociais, em outras regiões e também em outros países.

Já que a poesia é o principal elemento cultural da região pernambucana, iniciaremos com um verso que fala do empenho de Joselito Nunes (Zelito) na procura das histórias do Cariri e Pajeú. Pois, a poesia conta as histórias dessas regiões em verso.

**CARIRI E PAJEÚ  
OUTRAS HISTÓRIAS DE LÁ**

...

Seu incansável traquejo  
Em busca de evidência  
Faz do seu livro a essência  
Singular do sertanejo  
Patativa, eu também vejo:  
'Cante Lá, Que Eu Canto Cá'  
Mas no 'nosso' é onde está  
A fé no mandacaru

**Cariri e Pajeú  
Outras Histórias de Lá**

...

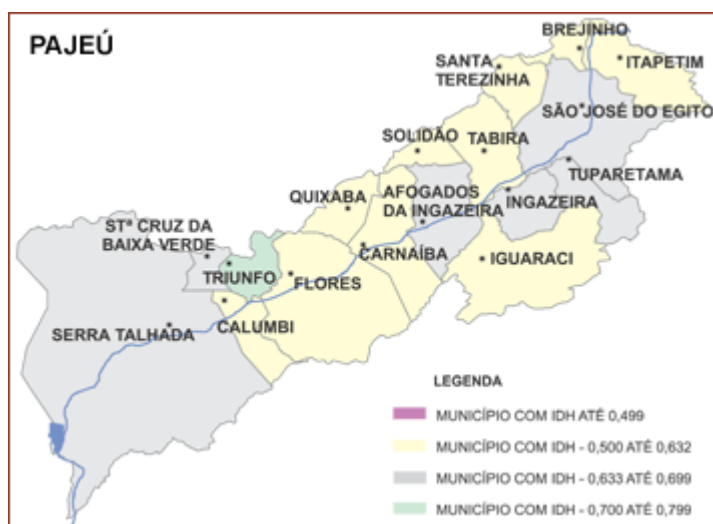
Zelito enaltece tanto  
Nosso sertão rico e pobre  
Só seu farejar descobre  
Vendedor de fumo e santo.  
Acha pérola em cada canto  
Da terra do 'Deus Dará'  
Mostra a Carlos Jatobá  
E ele organiza o 'baú'

**Cariri e Pajeú  
Outras Histórias de Lá.**

O mote é um título do livro do professor e bacharel Joselito Nunes.  
(Zé Adalberto, 2005 p.32-33; livro: No Caroço do Juá).

Os elementos identitários e geográficos também estão presentes nas obras do poeta Zé Adalberto, seja através do sotaque, da linguagem popular, a presença do eu-poético, a própria cidade (Itapetim-PE), que o poeta citado acima a batizou de “berço imortal da poesia”. Itapetim-PE, por ser uma das cidades que o rio Pajeú corta, os moradores afirmam que por este motivo todo indivíduo que nasce nessa região trás o dom da poesia. Logo abaixo está o mapa da região pernambucana com o percurso do rio Pajeú.

### Mapa da região do Vale do Pajeú



Fonte: Internet

“[...] Os riachos, ao leste, formam a Bacia hidrográfica do Taperoá; os riachos, ao Norte, vão fazer parte da Bacia do Rio Açú e os riachos, ao Sul, vão fazer parte do Rio Pajeú em cuja nascente se inclui o Município permanbucano de Itapetim.” (trecho tirado do prefácio do livro *No Caroço do Juá*, por Saulo Passos).

Ainda identificamos nas obras de Zé Adalberto elementos identitários e geográficos, no seguinte poema o autor descreve a simplicidade da vida sertaneja:

#### CABOCLO NATIVO

Eu sou do tempo que o Pajeú tinha água  
 Que mulher usava anágua  
 Pra engrossar o vestido  
 Que se um sujeito ‘ofendesse’ uma donzela  
 Era arriscado o pai dela  
 Quebrar o seu ‘peduvido’

Eu sou nativo, seu doutor, eu não lhe engano  
 Não tenho nada contra o ritmo americano  
 Mas eu só canto defendendo a minha terra  
 Sou forró de pé de serra  
 Sou ‘caboclo’ e sou cigano

...

Eu sou do tempo que papa-figo assustava  
 Que o carão adivinhava  
 Que cangaço era divisa  
 Que porta era só segura no ferrolho



E até um rabo de olho  
Valia como uma pisa

...

Gravada, em forma de música, no CD 'Até que em fim' do poeta e cantor Val  
Patriota e Raízes do Pajeú (melodia de César Amaral).

(Zé Adalberto, 2005, p.138-139; livro: No Carço do Juá)

Quanto aos aspectos sociais, percebemos que a comunidade empenha-se nesta arte poética com dedicação, mantendo viva essa cultura que surgiu no Nordeste no século XIX. Essa arte é constituída e resgatada a partir de elos de sangue e da aliança que unem cada sertanejo. Verificamos que na poesia de "Zé" a presença da figura da mulher é constante.

Encontramos presente nas obras poemas que tratam do feminicídio, da luta e também da conquista da mulher pelo seu espaço na sociedade, em que o pensamento machista ainda está enraizado. Também encontramos outro tema atual nas obras do autor, a corrupção tema que prevalece na sociedade. Vejamos alguns desses versos:

### **TRABALHADORAS RURAIS**

...

Tantas mendigas, nas portas  
Quantas Marias cativas  
Muitas Margaridas mortas  
Poucas esperanças vivas  
Apesar do crime impune  
A gente não se reúne  
Pra ver a banda passar  
Como a injustiça manda  
A gente acompanha a banda  
Fazendo a banda tocar

É justo que nossa classe  
Tenha direito e dever  
Sem oferecer a face  
Pra poder nenhum bater  
As nossas mãos calejadas  
Hão de ser representadas  
Por nossa própria corrente  
Nosso sonho é uma ordem  
Mesmo que alguns não concordem  
Vão ter que aguentar a gente

Destemida e consciente  
 Fui, na área sindical  
 A primeira presidente  
 De um Sindicato Rural  
 Desse Estado – uma conquista  
 Quando a tradição machista  
 Era muito mais hostil  
 Quebrou-se o grande tabu  
 No Sertão do Pajeú  
 E ganhou força no Brasil

...

Poesia dedicada a Maria Ferreira Lima de Sousa (Dona Lia), primeira mulher  
 Presidente de um Sindicato de Trabalhadores Rurais – PE.

(Zé Adalberto, 2005, p.85-86; livro: No Caroço do Juá)

Por último, temos os aspectos históricos, observamos que os elementos históricos se relacionam com os sociais, culturais, identitários e geográficos. Todos esses elementos formam os aspectos históricos.

### **HÁ UM GRITO DE DOR ATRAVESSADO NA GARGANTA DO POVO BRASILEIRO**

...

Somos vítimas de outra escravatura  
 Onde o ferro tem marcas mais discretas  
 Apesar do avanço das diretas  
 Não se pode escapar da ditadura  
 A lei Áurea foi mera assinatura  
 Para o negro sair do cativo  
 No passado, o navio era negreiro  
 Mas agora, vai é tudo misturado  
**Há um grito de dor atravessado  
 Na garganta do povo brasileiro**

Assisti o Ministro Graziano  
 Reputar de bandido o nordestino  
 Que emigra por força do destino  
 Á procura do pão quotidiano.  
 Excelência, não seja desumano  
 Nos tratando de modo tão grosseiro!  
 Ao invés de blindar sua ‘pagero’  
 Dê um brinde ao Nordeste abandonado!  
**Há um grito de dor atravessado  
 Na garganta do povo brasileiro**

...

(Zé Adalberto, 2005 p.37-38; livro: No Caroço do Juá)

No próximo poema o autor fala, na segunda obra aqui abordada - *Cenário de Roedeira* - o tema da paixão, do amor. Nela relata o sentimento que tem pela sua esposa:

### DOIS NUM SÓ

...

Talvez pelo encanto só a poesia,  
Coberta pelo véu de uma sinfonia,  
Pareça com você diante do altar,  
Mas não demore muito pra chegar à igreja,  
Às vezes a espera por menor que seja  
Num dia especial faz o amor chorar.

Meus olhos vão levando beijos pra você  
Envoltos num mistério que o mundo não vê,  
Mas se emociona e parece ter dó,  
A canção que nos lembra seguindo seus passos  
Até que a gente deixe de ser dois pedaços  
Pra se juntar num corpo e numa alma só.

“Esta canção foi especialmente inspirada e dedicada a Mazé, minha outra metade.”

(Zé Adalberto, 2014, p.76; livro: Cenário de Roedeira)

Aqui não poderia faltar a poesia que podemos afirmar ser o “carro chefe” do poeta. Quando se inicia uma conversa sobre poesia e surge o nome de Zé Adalberto, a primeira poesia a ser lembrada e dita certamente será a que tem como título (mote):

### RETIREI SEU RETRATO DA CARTEIRA SEM TIRAR SEU AMOR DO CORAÇÃO.

...

Seu retrato foi todo incinerado  
Mas até na fumaça deu pra vê-la,  
Não há nada que faça eu esquecer-la  
Eu nem sei se por ela sou lembrado,  
Meu desejo inda está contaminado  
Pelo vírus da sua sedução,  
Junta médica não faz intervenção

Se souber que a doença é roedeira,  
**Retirei seu retrato da carteira**  
**Sem tirar seu amor do coração**

Esse meu coração só pensa nela  
 Apesar de bater no meu reduto  
 Cento e vinte pancadas por minuto  
 São as vinte por mim, as cem por ela,  
 Eu, com raiva, rasguei a foto dela  
 Mas amor não se rasga com a mão  
 Se vontade rasgasse ingratidão,  
 Eu só tinha deixado a pedaceira,  
**Retirei seu retrato da carteira**  
**Sem tirar seu amor do coração.**

...

A carteira que era na verdade  
 Para ela uma espécie de moldura  
 Hoje em vez do retrato da ternura  
 Guarda só a imagem da saudade,  
 Pelos erros da minha vaidade  
 Já pensei em pedir até perdão  
 Que a pessoa carente de atenção  
 É capaz de fazer qualquer besteira  
**Retirei seu retrato da carteira**  
**Sem tirar seu amor do coração.**

...

(Zé Adalberto, 2014, p.96-99; livro: Cenário de Roedeira).

No conto “*Amizade a Pelo e Pena*” também encontramos traços culturais. Há relatos da cultura e da crença da localidade: “Segundo a lenda, quem o assisti, ganha a esperança de uma vida longa, além de dividir as energias captadas com todos os que acreditam no poder da luz.” (Zé Adalberto, 2017, p.08)

Aqui o autor menciona a arte poética e a maneira que surge o dom: “Um certo dia sozinho em sua toca o coelho Bapo, ouvindo o canto do uirapuru, começou a escrever seus primeiros versos, o mesmo nem sabia que tinha esse dom poético.”

“- ô, uirapuru, amigo,  
 O seu cantar me acalma,  
 Porque lhe ouvindo eu consigo  
 Relaxar a minha alma!”

“- A sua voz arrepiava  
 A emoção que me toca,

Convidando a poesia  
A visita minha toca.”

(Zé Adalberto, 2017, p.08; livro: Amizade a Pelo e Pena)

Aparece ainda no conto *Amizade a Pelo e Pena* traços da crítica social deste autor, pois descrevendo as impunidades da corrupção, o narrador diz:

“Pixuleco havia morado na casa de um político famoso de Propinópolis [...] onde aprendeu a ler e a escrever vendo jornais e revistas. É que vez em quando a foto do seu patrão saía estampada em matéria sobre improbidade administrativa. Até banana era desviada da merenda escolar [...]” (Zé Adalberto, 2017, p.05; livro: Amizade a Pelo e Pena).

Reforça:

“[...] o político que me adotou, tempos atrás, acumulava algumas culpas administrativas e eu o convenci a fazer esse reflorestamento, como forma de reparar os danos causados por ele á sociedade do seu município, já que a justiça só o punia com pagamentos de pequenas multas, ou com doações de cestas básicas.” (Zé Adalberto, 2017, p.07; livro: Amizade a Pelo e Pena).

Também no conto “Amizade a Pelo e Pena” o poeta lembra a figura indígena: “[...] leva cuidadosamente uma bela cenoura que encontrou no caminho da roça de uma tribo da região [...]” (Zé Adalberto, 2017, p.06). “Uma pequena canoa, mas muito segura, já estava à beira do rio. Era mais uma obra de Pixuleco, com a ajuda do indiozinho [...]” (p.21).

Logo, o estudo da análise das obras de José Adalberto Ferreira, vincula-se entre os contextos e elementos históricos, identitários, sociais, geográficos, políticos e culturais.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo retratar a poesia nordestina através das obras do poeta e escritor itapetinsense Zé Adalberto. Portanto fizemos um contexto de como a cultura popular surgiu no Nordeste e as características e estilos que a poesia adquiriu com o passar dos tempos.

A poesia de “Zé” não escolhe lugar, classe social ou escolaridade. Nela é possível ver traduzida em palavras uma admiração pela cultura poética, pela bravura do sertanejo e a tradução sublime do amor, seja este correspondido ou não.

Tudo isso, nos leva a uma forma poética, seja esta impressa ou não, da poesia popular nordestina. Com uma linguagem regionalizada e informal na produção dos textos, essa poesia popular nordestina nem sempre é respeitada, mas aos poucos está conquistando seu espaço, inclusive no território literário. Pode ser que o Cordel se aproxime mais do cânone literário pelo fato de ser escrito/impresso e, também, por já ser reconhecido como uma manifestação literária da cultura popular nordestina inserida na prática social e, em alguns casos, nas instituições formais.

Essa cultura popular traz em sua poesia variados temas, que vai de histórias contadas pelo povo oralmente até aventuras, histórias de amor, humor, críticas, ficção, ironia e exagero. Todas essas características se aproximam do Trovadorismo. Façamos uma observação para as cantigas de amigo, que surgiram a partir de um sentimento popular na Península Ibérica. A estrutura desses versos ibéricos (sextilha e a décima) é a mesma utilizada hoje pelos poetas populares nordestinos. “A poesia popular é herdeira do trovadorismo [...] se caracterizavam por comporem cantigas (poemas com uma melodia), que podiam ser satíricas ou líricas. Era comum os trovadores se apresentarem em feiras, geralmente acompanhados de uma viola de arco [...]”. (Revista Três Baiões, p.09)

Percebemos, também, a importância de ser abordada esta temática dentro do ambiente escolar, tendo em vista que a poesia popular é de fato a herança e a identidade do povo nordestino.

O autor Zé Adalberto busca através da sua poética, preservar os valores e a cultura do sertanejo. O poeta defende o povo sertanejo, as tradições e sua poesia. Como um pernambucano do vale do Pajeú, considerado como um dos maiores poetas populares e gênio em sua arte de transmitir de forma poética os sentimentos alheios, é um legítimo representante da cultura nordestina.

Além das inúmeras apresentações em festivais e mesas de glosas o poeta apresenta-se em escolas com projetos educacionais incentivando a criatividade poética, e abordando em sua poesia temas que alertam os jovens sobre questões sociais que trazem polêmicas na sociedade. Com seus projetos educacionais em 2012, na Escola Teresa Torres desenvolveu o projeto *“Itapetim Diverso”*, produzindo um cordel coletivo. Participou de atividades como Um Escritor em Minha Escola. Com o livro *“Real ou Imaginário: Circo é Diversão”*, em diversas cidades do Pajeú, com o apoio dos SESC de Triunfo-PE, além da Jornada Literária do Araripe, pelo SESC de Bodocó-PE. Participa também de Contação de Histórias. Atualmente, está com o programa Mais Cultura, em escolas de Itapetim-PE, com Literatura de Cordel.

Tudo isso posto, demonstra a força e vontade do autor Zé Adalberto em representar a sua origem e cultura através da poesia por ele criada. Junto a muitos outros autores da cultura popular nordestina que também surgiram dessa mesma localidade, o poeta aqui estudado traz sua marca de representante da identidade e cultura nordestina nos traços escritos e falados pelo filho do Pajeú, vindo lá do sítio Juá.

## 6. REFERÊNCIAS

ADALBERTO, Zé. **Amizade a Pelo e Pena**. 2017.

ADALBERTO, Zé. **Cenário de Roedeira**. Afogados da Ingazeira: Gráfica Asa Branca, 2014.

BOSI, Alfredo. **O ser e o tempo da poesia**. ed. Cultrix. Ed. Da Universidade de São Paulo, 1977.

CASCUDO, Luis Câmara. **Dicionário do folclore brasileiro**. 6 ed. BH: Editora Itatiaia. São Paulo. Ed. USP, 1988.

CATENACCI, Vivian. **Cultura popular: entre a tradição e a transformação**. São Paulo, 2001.

FERREIRA, Edmilson. **A arte dos repentistas: sua história e suas técnicas**. Recife, 2010.

FERREIRA, José Adalberto. **No Caroco do Juá**. Recife: Printer Gráfica e Editora, 2005.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: poesia**. ed. 17. São Paulo: Cultrix, 2003.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa I**. ed. 20. São Paulo: Cultrix, 2006.

MOISÉS, Massaud. **A criação literária: prosa II**. ed. 20. São Paulo: Cultrix, 2006.

NOVAES, Claudio cledson; ALVES, Paula Rubia. **Performance e poética da oralidade, segundo Zumthor**. Fólio – Revista de Letras. Vitória da Conquista. v.5. n.1. 2013.

RODRIGUES, ÉRICA. **Revista Três Baiões**. Ano 1. 2005.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. ed. 4. São Paulo: ed. Brasiliense, 1986.

SAUTCHUK, João Miguel. **A poética do improviso: prática e habilidade no repente nordestino**. Brasília. Ed. Universidade de Brasília, 2012.

SILVA, André Luiz da ; SILVA, Priscila Maíla da. **Folkcomunicação: o discurso da cultura popular nordestina através da poesia oral dos repentistas**. Revista Temática. Ano III, n 10, 2011.

SILVA, André Luiz da. **A importância da poesia literária cordelista como meio folkcomunicacional de divulgação da cultura popular nordestina**. Revista Temática. Ano VIII, n 08, 2012.

SILVA, Vitor Manuel de Aguiar. **Teoria da literatura**. 8 ed. Coimbra, 1988.



TAVARES, Bráulio. **Contando histórias em versos: poesia e romanceiro popular no Brasil**. São Paulo: Ed. 34, 2005.

TAVARES, Bráulio. **O rap e o repente**. Revista Observatório Itaú Cultural. N 08. São Paulo, 2009.

TAVARES, Bráulio. **Poetas do repente: tecendo o repente**. TV Escola/Fundação Joaquim Nabuco Multimídia Produções. Ano 2006. Disponível em: < <http://tvescola.mec.gov.br/tve/video/poetas-do-repente-tecendo-o-repente> > acessado em: 28/04/2016.

ZUMTHOR, Paul. **Introdução à poesia oral**. Ed. Hucitec. São Paulo, 1997.

## 7. APÊNDICE - A



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E EXATAS  
CURSO DE LICENCIATURA DE LETRAS – PORTUGUÊS

ALUNA: ÉRIKA TAISE DO MONTE

**PESQUISA: Poesia, educação e cultura nordestina: a literatura popular na obra de Zé Adalberto**

### **Roteiro de Entrevista**

1. Um breve relato sobre a infância do autor e suas memórias da região.
2. O que é ser um escritor para o autor?
3. Em seus três livros: “No caroço do Juá”, “Cenário de Roedeira” e “Amizade a Pelo e Pena”, já publicados, o que pretende alcançar com cada livro?
4. Como o autor ver a cultura itapetinese?
5. O que é poesia para o autor?
6. Qual o objetivo o autor tem ao se aproximar da educação através das escolas?
7. Como o autor se sente em ser considerado um representante da cultura nordestina da região do Pajeú e Sertão do Moxotó (PE)?
8. Qual o sentimento do autor ao ser um representante da poesia popular regional?
9. Por fim, como você traduz toda sua trajetória?